

Memórias e Histórias de Preto Nicó | Lorena Penna Silva

Seu Nicomedes, conhecido como seu Nicó, era um preto retinto, esguio, cabeça alva, usava quase sempre uma calça comprida e uma camisa social de linho brancas, de aparência surrada. Ele prostrava-se numa bengala e sempre tinha no bolso rapé para uso pessoal e coletivo. De bom papo, conquistava a todos no primeiro momento. Conhecíamos-lo desde lá pelos idos de 90 e nessa época ele já aparentava ter uns setenta anos.

Por vezes arrogante, arrotava grandeza, a qual não vivia, dizia ter muitos amigos dentre eles os endinheirados. Seu Nicó era figura carimbada no Pelourinho. Não tinha esquina, transeunte, comerciante e nem morador que ele não conhecesse ou pelo menos soubesse do histórico familiar.

Ninguém sabia ao certo onde ele morava, vivia aqui, acolá, perambulando pelas ruas do Pelourinho e adentrando nos casarões antigos para papear com as pessoas que ia fazendo amizade nos becos e ladeiras do Centro do Histórico.

Ele dizia ser proveniente da Ajuda, um dos bairros que cercava o Centro Histórico, tudo muito próximo. Andávamos um pouco, subíamos e descíamos algumas ladeiras e chegávamos rapidamente nela. A Ajuda também fica bem perto da Barroquinha, onde surgiu o primeiro terreiro de candomblé nagô da Bahia, e viviam nas suas ruelas pessoas entendidas do asé e que circulavam pelo centro. Homens muito bem alinhados que só eram identificados pelo fio de conta no pescoço e mulheres negras, vendedoras de quitutes, fateiras, ganhadeiras de roupa que com suas guias pagavam o chão para fazer seu santo. E é de lá que Seu Nicó sempre trazia histórias místicas e do candomblé, como da Casa de Maria de Ogum contra a qual um homem arruaceiro costumava blasfemar ao passar pelo portão e num dia qualquer, afoito, tentou adentrar e tomou-lhe uma bofetada, cuja face virou o lado e que ninguém sabe de onde veio, só se ouvia gargalhadas da porteira vazia.

Sabíamos que Seu Nicó tinha dois filhos porque ele mesmo falava que eram dois armários de tão robustos, mas ninguém o via frequentemente com seus filhos, o que sugeria que havia pouca proximidade, típica de conflitos familiares que ninguém sabe quem tem a razão, ou se ela existe. A ex-mulher de Seu Nicó, essa sim, era presente. Uma mulher branca, forte, chamava-se Marta, e ele a temia e corria dela como o diabo corre da cruz. Chegou ao ponto dele se esconder, encolhido, atrás do guarda-roupa na casa da

vizinha ao avistar Marta ouriçada atrás de um tostão para o sustento dos filhos. Mesmo assim, ele a admirava, sem medida! Desde a comida que ela preparava, à forma de cuidar dos filhos e aos berros e bofetões que lhe dava.

Ele vivia de bico, de favores, nos quartos de aluguel no Pelourinho. Não tinha emprego fixo desde que recebeu baixa dos serviços prestados ao exército. Acredito que era difícil um negro, pobre, altivo conseguir emprego digno no Brasil por volta dos anos 40, 50. Para ele restava trabalhos braçais, mas Sr. Nicó encantava-se com as artes, com o cotidiano das pessoas e com o saber popular que adquiriu com muita riqueza nas suas vivências. Ele queria voar, mas pássaro negro assim que se entende por gente tem as asas cortadas, para não sentir cheiro de liberdade e nem aprender a alçar grandes voos. *Se aquieta homem-pássaro, amargue o fardo da sua condição. O dissabor que lhe é atribuído pelo fato de existir e ser o que é.*

Sempre estive envolvido com blocos afros. Ele era todo encantamento! Dizia-se ser o apito de ouro do Muzenza e estava sempre na linha de frente, cadenciando a banda. Ah, como ele amava o Muzenza. Quando não estava com sua roupa branca, estava vestido com as fantasias do Muzenza. Não era só um bloco, era a representação da sua negritude, era sua ligação com a África, eram os adornos, tecidos, sons, batidas, musicalidade, histórias que diziam a ele quem ele era, quais suas raízes. E ele tinha orgulho da sua raça e respirava o Muzenza com emoção e devoção.

A sua itinerância vem também das antigas Escolas de Samba do Nordeste de Amaralina e de lá acredito que tenha surgido sua amizade com Jaime Baraúna e a parceria para fundar o bloco “Não deixe o Samba Morrer”, que infelizmente não seguiu em frente, talvez por aportes financeiros inexistentes ou por desentendimentos. De outra vez, estava envolvido com o bloco “Mercadores e Cavaleiros de Bagdá”, uma releitura do bloco da década de 50, fundado por negros do Recôncavo da Bahia. Era lindo de se ver, fantasias glamourosas, repletas de firulas, parecia uma caravana beduína com mulheres vestidas de odalisca, em cima de camelos. Era um frisson à época, principalmente para os saudosistas dos antigos carnavais e para os moradores que apreciavam o bloco ao passar pelo Terreiro de Jesus, caindo no Viaduto da Sé.

Quando queria, movia céus e terra para ajudar as pessoas e com suas artimanhas sabia chegar onde queria. Uma delas era levar as moças, cujas casas frequentava, para tentar a sorte e conseguir um emprego nas pequenas lojas da ladeira da praça ou nas lojas de artesanato na Rua das Portas do Carmo.

Outra dessas artimanhas era que ele também gostava de ficar cercado das pivetes no Cruzeiro de São Francisco, contado vantagens e causos da vida noturna do Centro que ele conhecia na palma da mão, e de vez em quando puxava um cigarro com a garotada. E as pivetes galhofavam com suas histórias e terminavam a noite no antigo Baitakão. Ah, eram os melhores lanches! Da Rua Chile sentia o cheiro... o Baitakão ficava no Elevador Lacerda e era o ápice da gostosura das crianças e adolescentes pobres do Pelô. Quem perambulava pelo centro sabia que era visita carimbada, o local, principalmente ao cair da noite. As mulheres que vinham das boates, os cafetões, os traficantes, os ambulantes e os moradores locais não deixavam de visitar.

Sr. Nicó era também um frequentador da vida noturna e não havia boate, cabaré que ele não tenha ido. Dos elegantes, com suas damas cheirosas, de peles aveludadas, impecáveis e que eram alvo de disputa à ficha por uma dança galante, como o Rumba Dance, na R. da Ajuda, a Pigale e o Tabaris Night Club, na Castro Alves que estava no seu auge, aos modestos, cujo público e atração se confundiam, pela mesma condição financeira, como era o Sayonara, o Maria da Vovô e o 63 que ficavam na ladeira da montanha e no comércio. Diz-se que até a Mulher de Roxo por lá passou ou foi no Buraco Doce? Ao certo não se sabe. Essas casas animadas, com lindas mulheres expostas para homens eram a sombra do desespero de mães que precisavam garantir o sustento da sua família e cujos filhos nem imaginavam pelo que elas passavam, mas o dinheiro chegava para pagar as contas. Muitas abandonadas pelos maridos. Outras eram exploradas por gigolôs e pelos cafetões que já ficavam na saída para tomar-lhe todo o dinheiro. E quando as rugas chegavam era o desespero de uma aposentadoria amarga, solitária, pobre e dilacerada no corpo e na alma que levava muitas a loucura ou ao suicídio.

Seu Nicó não pertencia a nenhuma religião, mas tinha muito respeito, principalmente ao candomblé, porque era na Barroquinha, naquela época, que viviam muitos pais e mães de santos oriundos diretos de africanos e ele desde menino presenciou muita coisa.

Uma vez, Sr. Nicó ficou bem doente e aconselharam que ele fosse na casa de Seu Raimundinho, que, segundo informaram, era entendido das coisas do santo. Chegando lá, Seu Raimundinho lhe deu uma lista: alcatra, vinho do bom, uísque, cigarro Carlton e Hollywood, perfumes. E Seu Nico, desesperado, cedeu ao charlatão, e seu quadro piorou até que o encontraram prostrado na Igreja de São Domingos. Magro, sem dinheiro, quase não se ouvia a sua voz, e ele sussurrou, “mandaram um feitiço para mim, só pode ser coisa

feita!!”, e realmente era. Desceram com ele correndo para o Taboão, que fica à esquerda do Largo do Pelourinho, com suas ruas estreitas, de pedras portuguesas, e subiram em um dos prédios que lá ficam, cujos apartamentos antigos, de tão grandes, pareciam uma casa. Bateram à porta e sua neta atendeu. Explicaram a urgência, e saiu de um corredor estreito e amplo, logo após a antessala, uma senhora cabocla, forte, invocada, vaidosa e muito cheirosa e que carregava no pescoço um fio de conta amarelo. Era dona Lozinha, uma mãe de santo conhecida naquelas cercanias. Ela receitou alguns ebós para passar no corpo e muitos banhos de folha que foram pagos pelos seus amigos. Logo no primeiro banho já se viu o resultado. Seu Nico, que mais parecia um morto-vivo, parece ter ressuscitado. E a partir daí, tornou-se um fervoroso devoto de Omolu. Atotó! Silêncio! O Rei das palhas vai passar e com seu azé levará todas as mazelas criadas e resistentes por nós, humanos, e aquelas invisíveis ao anel do doutor e ao olho nu. Passou a usar uma conta de cor preta e branca. Mas Seu Nicó era um exímio comunicador, laroyé!! Era o próprio exu encarnado.

E tratando do charlatão que surrupiou Seu Nicó, as pivetas não deixaram barato, partiram em caravana para sua porta e deram-lhe pedradas, insultos e ameaças e o caso correu quarteirões aos risos e piadas .

E a vida de Seu Nicó engendrava-se e prosseguia-se no vaivém dos acontecimentos diários e das invenções que ora povoavam sua cabeça fértil, ora confundiam-se com a realidade por vezes dura, perversa e injusta. E quem se importa com um homem, negro, velho e sonhador?

E assim sua existência se esvaiu, sem dar tempo de percorrer as ruas históricas marcadas por suas pegadas. Sem abraços afetuosos e sem registros e nem legados. E foi tudo tão rápido! a doença, a pobreza, a solidão, o desgosto, o levaram. No seu enterro meia dúzia de pessoas e um discurso caloroso de Sr. Clarindo Silva, da Cantina da Lua, no qual afirmava se perder uma enciclopédia ambulante.